

O Globo - 26.4.50 +

A CRÔNICA de Rubem Braga**PAQUETÁ**

POIS fomos a Paquetá. A viagem, do Cais Pharoux, leva uma hora, e não é muito, pois há o que ver: ilhas, montanhas, navios, águas, e os botos inocentes; e a cidade do Rio de Janeiro, sempre bela, entre névoas. Depois Governador, e as ilhotas, umas verdes, de árvores e palmas, outras só de pedras redondas.

Pa-que-táá? E' assim que se espanta o carioca, como se a gente tivesse dito que foi à China. Para ele é um ponto de honra não conhecer a ilha, ou ter estado lá só uma vez, na infância. Fala da ilha como de uma chácara antiga, do século passado, que com certeza alguém já derrubou para fazer uma incorporação.

Mas isso eram fumaças do antigo carioca, que se sentia federal. Hoje, homem de um pequeno Estado, ele há de querer conhecer seus domínios, e eu lhe digo que vá a Paquetá. Digo sem insistência; uma das virtudes da ilha é ser meio esquecida, e quase só ter visitante sábado e domingo; outra é não ter automóveis. Em parte alguma do Estado da Guanabara há ruas tão quietas e árvores tão grandes, entre prainhas de sossêgo. São mangueiras e amendoeiras imensas, e algumas árvores de fruta-pão gloriosas de beleza. No Fragata, e com certeza em outros lugares também, come-se boa muqueca e bons camarões. Comemos coisa mais nobre, um robalo ao forno, com recheio de farofa.

Gostei tanto que no outro dia de manhã quis ver aonde ele tinha sido pescado, o robalo, e se não havia lá algum amigo ou parente seu. Tocamos para o fundo da baía que dá nome a este Estado; e na boca do rio Guaxindiba, entre currais de peixe, topamos mais de vinte canoas de pescadores que tarrafeavam ali. Compramos camarão vivo e subimos até coisa de duas milhas além de um furado que liga esse rio ao de Macacu. Entãc deitamos nossas linhas, mas sem apoiar, caceando devagarinho à feição da maré, que acabava de vazar. De um lado e outro só se vê mangue, e no meio a água verde; há garças vadiando por ali, umas brancas, outras cinzentas; e às vèzes, entre a lama e as raízes escuras do mangue, há uma coisa vermelha, que é um caranguejo.

Quando a maré virou, voltamos, pois ~~era começo de~~ lua nova e a corrente estava muito forte; mas trouxemos alguns robaletes e pescadinhas, para nosso alimento e consôlo.

Enfim, uma história que faria bocejar de tédio o João Madureira, de Cachoeiro, que na Barra do Itapemirim matou, pescando de iba, um robalo de 18 quilos e meio.

(Por sinal que esse robalo, da primeira vez que ouvi falar nêle, tinha quatorze quilos e meio; no outro verão tinha dezesseis e meio; agora em abril, quando andei lá, já estava com dezoito e meio. João não mente, mas seus amigos, de ano para ano, vão aumentando o robalo, para botar susto no pescador de fora; assim não volto mais lá).

Mas a conversa de robalo cresceu, e hoje não tenho mais espaço para falar de Paquetá, jardim de afetos, pomal de amôres. Fica para outro dia.

nesta triste
mundo

#

DN 22.2.67

[Handwritten signature]